



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Serviço Social

Daniel Berquó Gomes

**Homofobia: a regulação dos espaços por meio da discriminação contra
homossexuais**

Brasília, novembro de 2008.

Daniel Berquó Gomes

Homofobia: a regulação dos espaços por meio da discriminação contra homossexuais

Monografia apresentada ao Departamento de Serviço Social na Universidade de Brasília para obtenção do diploma de graduação em Serviço Social, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Debora Diniz.

Brasília, novembro de 2008.

Dedico esta monografia a todos que algum dia foram alvo do preconceito e da discriminação e que por medo silenciaram-se.

Agradecimentos

A Deus, pelo dom da vida e por ter me concedido força para sempre superar e enfrentar os desafios.

À minha mãe, pelo incentivo constante e apoio incondicional em todas as escolhas por mim feitas e pela demonstração de afeto constante. Por sua garra em tornar o impossível possível para a felicidade e sucesso de seu filho caçula.

Ao meu pai por, a seu modo, demonstrar que se importa e que me apóia em tudo que for necessário. Pelos esforços empreendidos para educar seu filho.

À professora doutora Debora Diniz, por todo apoio durante a elaboração deste trabalho e pela dedicação em me mostrar os caminhos a seguir na vida acadêmica. Por um dia ter refletido a imagem do comprometimento acadêmico.

Às SEVECquetes, que incentivaram a elaboração desta monografia e que sempre prestaram seu apoio nas questões necessárias; pela ajuda nos momentos difíceis da minha vida.

Às amigas Alexandra, Andréia e Marina, presentes em todos os momentos da minha vida e sempre demonstrando amizade para todas as horas e momentos.

Ao Cleber, pela paciência infinita e compreensão durante todo esse trabalho e também por toda a ajuda.

À nobre companheira Monique Priscila Dumont, que tanto me ajudou na elaboração deste trabalho.

A toda minha família, pelo incentivo em todos os aspectos da minha vida e pela força que me deram durante a vida acadêmica.

Ao amigo Aerton, pela revisão do trabalho e pela amizade.

Às e aos NUPENSES, que tiveram paciência e me ajudaram em tudo que era possível na elaboração desta monografia.

Aos entrevistados, que me permitiram compreender a realidade e a dinâmica enfrentada por jovens homossexuais.

Ao professor Mário Ângelo e ao mestrando Wederson dos Santos, por aceitarem participar da banca.

Aos professores do curso de Serviço Social da Universidade de Brasília, por tanto terem me ensinado e apoiado no decorrer da vida acadêmica.

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo compreender como a discriminação sofrida por jovens homossexuais masculinos regula a escolha de espaços para a demonstração de sua sexualidade homossexual. A manifestação da sexualidade foi entendida como a expressão de sentimentos de um indivíduo a outro do mesmo sexo, tais como abraços, beijos, carícias, dançar junto e andar de mãos dadas. Em locais freqüentados prioritariamente por heterossexuais, 60% dos entrevistados informaram que não manifestam qualquer prática que os identifiquem como homossexuais, enquanto 40% afirmaram que manifestam de forma sutil sua sexualidade nesses locais. Em contrapartida, apenas 20% dos entrevistados garantem que nos locais destinados à socialização de homossexuais, manifestam de forma sutil práticas que os identifiquem como homossexuais. 60% dos entrevistados já foram alvo de alguma forma de discriminação em função da orientação sexual, sendo que 30% passaram a freqüentar lugares destinados à socialização de homossexuais em função desses episódios. Os resultados demonstraram que a homofobia regula a escolha dos espaços para a livre manifestação da sexualidade do indivíduo e que ações que visem a promoção da cidadania dos homossexuais são imprescindíveis para a concretização dos direitos dessa minoria e combate ao preconceito e discriminação enfrentados por eles.

Palavras-chaves: homofobia, heterossexismo e diversidade sexual.

Sumário

Introdução	07
Capítulo 01 - Homofobia: a discriminação em face da orientação sexual	11
1.1. Preconceito e discriminação	11
1.2. Homofobia	12
1.2.1. Homofobia e heteronormatividade	13
1.2.2. Homofobia e heterossexismo	14
1.2.3. Homofobia e religião	15
1.3. Crimes homofóbicos	16
1.4. Espaços de socialização de GLBTs	17
Capítulo 02 – Metodologia	20
2.1. Apresentação	20
2.2. Procedimentos éticos	21
2.3. Trabalho de campo	22
2.4. Instrumentos de pesquisa	23
2.5. Análise dos dados	23
Capítulo 03 – Homofobia e eleição de espaços para a manifestação da homoafetividade	25
3.1. A discriminação em ambientes públicos e suas implicações	25
3.2. Comportamento em ambientes freqüentados por heterossexuais	26
3.3. Comportamento em ambientes freqüentados por homossexuais	27
3.4. As diferentes faces da homofobia	28
3.5. O desejo de pertencer ao grupo	32
Considerações finais	35
Referências bibliográficas	38
Anexos	42

Introdução

Diversos estudos se preocupam com os fenômenos relacionados às minorias sociais. O preconceito e a discriminação se tornam instrumentos de inúmeras barbáries existentes em nossa sociedade. Negros, mulheres, homossexuais, entre outros, são alguns dos grupos que comumente se percebem atacados de diversas formas por uma maioria (BACILA, 2005). A escravidão, o Holocausto promovido por Hitler e a constante subordinação da mulher ao homem, são alguns exemplos que expressam essa constante sobreposição de interesses de um grupo por outro, normalmente a maioria pela minoria.

Dentre as minorias citadas, os homossexuais podem ser considerados como um grupo onde o preconceito assume um fator agravante em relação aos demais. Enquanto negros e mulheres possuem o apoio de seu núcleo familiar, muitos homossexuais sofrem discriminação dentro de casa, não encontrando em seu lar um grupo de apoio que o ajude a seguir em frente diante dos diversos atos discriminatórios sofridos (MOTT, 2004). Dessa forma, é imperativo estudar no que resultam as discriminações em desfavor desse grupo. Vale ressaltar que os homossexuais representam uma minoria que é encontrada dentro de todas as outras: negros, mulheres, etc..

Em nossa sociedade, a homossexualidade tem adquirido por vezes ponto de destaque nas discussões. Presente em todos os meios sociais, a homossexualidade sempre foi vista com certo receio e até mesmo como um tabu, e está, dessa forma, marginalizada de assuntos acadêmicos e da agenda política (MOTT, 2004), vindo só ultimamente adquirir alguma visibilidade. A Parada do Orgulho GLBTT, entre outras ações afirmativas, são movimentos que ajudam a pôr em destaque as expressões da diversidade sexual

Estratégias de silenciamento reprodutoras do modelo heteronormativo que guia nossa sociedade são constantes. Atribui-se uma invisibilidade homossexual, a partir da percepção de que aos homossexuais não é apresentado nenhum modelo de espelhamento ou de homossexualidade bem sucedida (MOTT, 1996). Tanto na televisão quanto em filmes, a homossexualidade ainda surge timidamente, sem adquirir grande papel de destaque ou até mesmo de normalidade. Por mais que se mostrem personagens homossexuais, duas possibilidades são sempre apresentadas: ou o personagem aparece de forma caricata, reproduzindo a imagem estereotipada que se tem deles, ou aparece de forma sutil, sem qualquer indício que o identifique como homossexual.

Nessa sociedade do silêncio, de normas guiadas pelo padrão heterossexual de sexualidade, o homossexual é obrigado a viver. Em um mundo onde a ele são determinados locais de socialização diferenciados dos heterossexuais. Locais endereçados em espaços isolados do restante da cidade, onde o silêncio quanto à temática pode ser perpetuado e relegado ao esquecimento, uma vez que lá não adquirem qualquer visibilidade.

O homossexual convive, então, com diversos problemas na sua história de vida: 1) é considerado como anormal pelos demais membros da sociedade, como indivíduo fora do padrão imposto socialmente; 2) por sua condição de diferente e anormal, sofre injúrias, agressões verbais que moldam seu comportamento e que dizem a ele exatamente o que ele é e como deve ser (ERIBON, 2008); 3) convive com o desamparo de seus familiares e com a discriminação imposta muitas vezes por esse próprio grupo (MOTT, 2004); 4) molda suas atitudes de forma a não ser reconhecido como homossexual e não sofrer as conseqüências e sanções daí decorrentes (ERIBON, 2008); 5) vive amedrontado por saber que está à margem e que a qualquer momento pode ser vítima de agressão em razão de sua orientação sexual.

A temática do preconceito e da intolerância à diversidade sexual tem sido alvo da categoria profissional dos assistentes sociais. O Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) lançou, em 2006, a campanha “Assistente social na luta contra o preconceito”, que visa sensibilizar aos assistentes sociais e à sociedade sobre a importância do debate sobre a livre expressão da sexualidade como direito humano e a necessidade de compreendê-la em seus mais diversos aspectos: heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade. Destina-se, também, ao aprimoramento da atuação do assistente social por meio do debate e compreensão da sexualidade como uma dimensão da individualidade (CFESS, 2006).

Foi, também, publicada pelo CFESS, a resolução nº 489/2006, que veda ao Assistente Social práticas preconceituosas e discriminatórias, no exercício da profissão, em relação à orientação sexual de pessoas do mesmo sexo. Cabe ao profissional contribuir para eliminação do preconceito e discriminação em seu ambiente de trabalho (CFESS, 2006).

Este trabalho se desenvolveu com o objetivo de compreender essas expressões do preconceito e discriminação contra os homossexuais, entendidos como homofobia.. O conceito inicial de homofobia refere-se à discriminação sofrida em razão da orientação sexual homossexual do indivíduo. Esse conceito é ampliado por Welzer-

Lang (2001) e Borrillo (2001), que definem a homofobia como toda e qualquer discriminação sofrida por qualquer indivíduo que apresente sexualidade divergente da heterossexual.

No primeiro capítulo deste trabalho recorre-se à revisão teórica do tema homofobia, compreendendo seus mecanismos e a forma com que se relaciona a outras categorias, como o heterossexismo, a heteronormatividade e a religião. Apresenta-se, também, a influência da homofobia na criação de espaços de socialização homossexual, espaços esses destinados à livre manifestação de afetividade entre indivíduos do mesmo sexo.

No segundo capítulo, apresenta-se a abordagem metodológica que norteou a elaboração desse estudo, guiado pela pesquisa qualitativa. Para além da simples constatação de um fenômeno, essa abordagem nos permite entender os mecanismos que estão por trás desse mesmo fenômeno (GOLDENBERG, 2000).

A pesquisa buscou identificar na fala de 10 (dez) entrevistados a relação existente entre a homofobia e a escolha de espaços para a manifestação da afetividade homossexual. Para isso, o pesquisador realizou por três meses observação participante, realizando, após esse período, dez entrevistas semi-estruturadas, que permitiram aos sujeitos da pesquisa expressarem os tipos de homofobia já sofridas, bem como a relação entre essa discriminação e os espaços onde manifestam sua afetividade homossexual.

O terceiro capítulo é destinado à apresentação dos dados encontrados na pesquisa e sua análise, sob a luz do aporte teórico orientador do trabalho. Nele, categorias como as injúrias, família, assédio sexual, entre outros, são apresentados por homossexuais como forma de homofobia já vivenciadas. O medo quanto a agressão física também é representativo, embora ela jamais tenha sido vivenciada por nenhum dos entrevistados.

Por fim, as considerações finais do trabalho apontam para soluções viáveis à superação da homofobia, bem como a atuação do assistente social frente a estes casos. Ao assistente social, enquanto profissional que visa garantir direitos aos cidadãos e a rejeição de qualquer atitude arbitrária, é imperativo compreender as expressões da homofobia e desenvolver estratégias de ação que contrariem a prática dominante de sua reprodução.

Nesse sentido, em 2004 o Governo Federal lançou o programa Brasil sem Homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual.. Esse programa busca a equiparação dos direitos

do público GLBT ao dos heterossexuais e a reconstituição da cidadania desse grupo (BRASIL, 2004). O programa possui ações que visam à capacitação de profissionais para atuar nas questões de homofobia, o estímulo a denúncias de crimes com motivação homofóbica e esclarecimento da população quanto aos direitos da população GLBT, que nada mais são que os mesmo assegurados aos heterossexuais.

Tramita no Senado Federal, o Projeto de Lei da Câmara (PLC) 122/06 (originalmente conhecido como PL 5.0003 – B de 2001). O projeto inclui no *hall* das discriminações sancionáveis àquelas que tenham como origem a discriminação baseada em sexo, orientação sexual, gênero e identidade de gênero. O PLC 122/06 criminaliza atitudes em que homossexuais e os demais representantes da diversidade sexual sejam expulsos ou impedidos de adentrarem espaços públicos ou privados de circulação públicas. Criminaliza, também, atitudes que visem coibir a livre manifestação de afetividade entre indivíduos do mesmo sexo, quando aos heterossexuais for dado esse direito.

É importante ressaltar que o PLC 122/06 atualmente encontra forte resistência por parte de alguns parlamentares, principalmente os da bancada evangélica. Valores religiosos ainda norteiam o pensamento desses políticos, que consideram o Projeto de Lei como a legalização do pecado maior.

Capítulo 1

Homofobia: a discriminação em face da orientação sexual

1.1. Preconceito e discriminação

Em nossa sociedade, um assunto que assume cada vez mais espaço é o que se refere ao preconceito e à discriminação. Lutas feministas, paradas do orgulho GLBT, entre outros, são alguns movimentos que permitem a emergência desses temas. O preconceito sempre existiu em toda forma de organização humana, sendo tão velho quanto a humanidade (RODRIGUES, ASSMAR, JABLONSKI, 1999). Seguindo a definição apresentada por Aronson (1979), define-se preconceito como uma atitude hostil ou negativa a determinados grupos, baseando-se em generalizações derivadas de informações incompletas. No preconceito, o outro é mal visto, tido como ser inferior ou merecedor de tratamento desigual ao do sujeito preconceituoso.

O preconceito atinge todos os grupos sociais e suas conseqüências são variáveis no grau de violência exibida (RODRIGUES, ASSMAR, JABLONSKI, 1999). Juntamente com o preconceito e diretamente relacionado a ele, estão os esteriótipos, aqui entendidos como generalizações realizadas pelo ser humano visando facilitar sua compreensão do mundo (RODRIGUES, ASSMAR, JABLONSKI, 1999). Ou seja, por meio dos esteriótipos o ser humano atribui a determinados sujeitos pertencentes a um grupo características invariáveis. Cabe ressaltar que essas características atuam, em alguns casos, como resumos da personalidade do indivíduo, sendo ele reduzido a um aspecto de sua personalidade. Exemplo disso é a crença de que todo homossexual é delicado, frágil e que apresenta características socialmente associadas às mulheres.

Conseqüência direta do preconceito é a discriminação, caracterizada como o tratamento diferenciado infligido a um indivíduo em função de alguma particularidade por ele manifestada. A discriminação se constitui, dessa forma, no fator comportamental do preconceito (RODRIGUES, ASSMAR, JABLONSKI, 1999). Pode variar em intensidade e na sua forma, apresentando-se em manifestações verbais de desprezo até mesmo de violência física em desfavor do sujeito discriminado. Diversos grupos ao longo da história da humanidade têm sido alvo de chacota e preconceito, geralmente baseados em afirmações hoje consideradas insuficientes para a manifestação de qualquer atitude diferenciada, bem como injustificáveis.

1.2. Homofobia

Entre as formas de discriminações existentes, esse trabalho busca a abordagem de uma em particular: a homofobia. Há diversos estudos com essa temática, o que mostra a importância de seu aprofundamento e a crescente atenção que exige. Sua emergência pode ser explicada pela crescente demanda apresentada pela população de gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e outras formas de sexualidades, que a cada dia denunciam os atos discriminatórios sofridos em função de sua sexualidade e exigem da sociedade o reconhecimento à diversidade sexual.

A homofobia é entendida como uma atitude de hostilidade aos homossexuais (BORRILLO, 2001). Assim como as demais formas de preconceito, inclui em seu processo a crença de que o outro, o sujeito discriminado, é um ser inferior e anormal, digno de tratamento diferenciado. Pode ser entendida como a discriminação sofrida por qualquer pessoa que mostre ou a qual são atribuídas algumas qualidades ou defeitos associados ao outro gênero (BORRILLO, 2001; WELZER-LANG, 2001).

Borrillo (2001) sugere que a homofobia é complexa e assume diversas formas, desde o ódio e agressão física até a simples justificativa intelectual referente à diferença entre heterossexualidade e os demais tipos de sexualidades. A crença, por exemplo, de que é necessária a criação de novas formas de união civil para regularizar a união entre homossexuais não encontra fundamento, uma vez que já existe lei que regulamenta a união entre pessoas. Justificar essa diferença de tratamento em função da sexualidade do indivíduo é considerado, dessa forma, como homofobia.

Além de atingir apenas o homossexual, a homofobia também exerce seu papel em relação aos heterossexuais. Em uma sociedade onde demonstrar afeto é papel socialmente delegado às mulheres, ao heterossexual masculino é impossibilitada a demonstrar afeto para com outro homem, mesmo que essa demonstrar seja equivalente a uma amizade (BORRILLO, 2001). Fazê-lo é o mesmo que se declarar homossexual e traidor do gênero masculino. A própria atitude homofóbica, de repulsa ao que não coaduna com os valores heteronormativos, aparece como definidor do ser homem, manifestar hostilidade àquele que está fora do padrão (BORRILLO, 2001).

1.2.1. Homofobia e heteronormatividade

Por heteronormatividade entende-se o pensamento pelo qual o comportamento heterossexual apresenta-se como aceitável, normal e desejável. Apontam Diniz e Lionço (2008) que “a heteronormatividade da organização social fundamenta-se em falsos pressupostos de naturalização das práticas heterossexuais e no caráter desviante de outras práticas”. Dessa forma, o que foge à norma é repudiado e considerado desviante de um modelo social que tem seus valores enraizados na dinâmica social da heterossexualidade. Conceber a existência e, ainda mais, a permanência de outras formas de se relacionar se torna, dentro dessa sociedade heteronormativa, impensável, condenável.

A heteronormatividade apoiá-se sobre a crença de que um possível sexo biológico determina a preferência por parceiros sexuais. A esse respeito

toda condenação da homossexualidade que pretenda apoiar-se sobre uma pretensa “ordem da natureza” está desprovida de base. A homossexualidade é *anormal* porque se choca aos costumes e às concepções tradicionais (as “normas” de comportamento) de nossa sociedade, não por violar “normas” naturais que não existem. (DANIEL; BAUDRY, 1977, p. 47)

Cabe ressaltar que atualmente a ciência garante que a homossexualidade é legítima, saudável e natural (MOTT,2006), rompendo então a visão imposta pelo padrão heteronormativo.

A esse respeito, em 1985 o Conselho Federal de Medicina passou a não considerar a homossexualidade como doença e em 1999 o Conselho Federal de Psicologia promulgou a resolução 001, que estabelece para os psicólogos que a homossexualidade não é doença, nem distúrbio e não pode ser trabalhada em propostas de tratamento ou cura (SCARDUA; FILHO, 2006).

O padrão heteronormativo, pelo qual a sociedade é regulada, impõe um silêncio quanto às demais formas de expressão da sexualidade, negando-lhes quaisquer espaços e possibilidade de existência (FONTES, 2008). Ao homossexual não há modelos a se seguir, pois a homossexualidade de personagens célebres lhe é ocultada, tirando-lhe qualquer possibilidade de identificação. Não há, dessa forma, um modelo positivo de homossexual que adquiriu notório destaque (MOTT, 1996).

1.2.2 Homofobia e heterossexismo

Welzer-Lang (2001) e Borrilo (2001) partem do pressuposto de que em nossa sociedade o ser masculino implica necessariamente não ser feminino. Existiria na visão dos autores o senso comum em nossa sociedade de que ao sexo masculino cabem algumas características, enquanto que ao sexo feminino outras. A existência de características atribuídas às mulheres em homens, por consequência, seria motivo de discriminação desse indivíduo, uma vez que ele não possui a correta identificação exigida pela sociedade. Essa visão é também encontrada em Mott (2000) e Trevisan (1997). A respeito

No contexto falocêntrico das sociedades patriarcais, cria-se um quadro de inflação fálica no qual se determina que a ausência (ou não-uso) do falo se torna o mais desprezível dos fatos. Daí resulta, nas mais diversas culturas, uma reiterada história de opressão da mulher – a emasculada por excelência. [...] Esse mesmo rechaço ao “frágil” e “passivo” tem levado o imaginário patriarcal a criar uma repulsa à homossexualidade, sobretudo masculina, tornada metáfora da emasculação. (TREVISAN, 1997, p. 54)

Historicamente a mulher tem sido colocada como ser inferior ao homem. A mulher é responsável pelos atos mais frágeis, gentis (BACILA, 2005). Demonstração de afeto, questões domésticas, etc.. estiveram sempre relacionados ao universo feminino, enquanto ao homem foram delegados os serviços de provedor da casa, daquele que sai para caçar, do forte que não demonstra sentimentos (BACILA, 2005). Dessa forma os papéis sociais foram definidos. Se mulher deveria se apresentar socialmente de forma gentil, delicada e instituída de um sentimento materno inato. Se homem deveria se apresentar de forma agressiva, com espírito de liderança, com iniciativa e com porte mais grosseiro.

Percebe-se que os papéis sociais do homem e da mulher estão socialmente definidos. Qualquer transgressão a essa regra se configura então em ato passível de reprovação da sociedade e merecedor de tratamento desigual (BORRILLO, 2001). A homofobia é, então, uma forma de denunciar que papéis sociais não estão sendo cumpridos e que há uma ruptura das normas de atração heterossexuais. A esse respeito

A suposição da determinação linear do sexo biológico sobre a apresentação social do masculino ou do feminino pressupõe a definição do objeto de desejo como sendo de sexo oposto ao daquele

que deseja. A homofobia é uma expressão do desconforto moral causado pela ruptura desse alinhamento, isto é, pela provocação da suposta naturalização da ordem do desejo e das apresentações de gênero (BORRILLO, 2001)

Afirma Borrillo (2001) que a homofobia é uma manifestação do sexismo, da discriminação de pessoas em decorrência de seu sexo e de seu gênero. Essa lógica só encontra respaldo em uma sociedade em que o homem é colocado como ser superior à mulher, onde a elas são relegados papéis de passividade (WELZER-LANG, 2001).

O sexismo é entendido como a subordinação do feminino ao masculino, mas para além dessa questão também como a hierarquização das sexualidades (BORRILLO, 2001). A heterossexualidade, no sexismo, é tomada como padrão e natural, sendo qualquer forma alternativa de sexualidade a ela entendida como inferior e anormal. A heterossexualidade se torna sexualidade padrão, a qual as demais devem ser comparadas. A esse padrão e norma existente na sexualidade Borrillo (2001) chama de heterossexismo.

Nesse sentido, Borrillo (2001) faz um alerta sobre um tipo de heterossexismo muito presente hoje, o heterossexismo diferencialista. Essa forma de heterossexismo é camuflado: encontra sua estratégia por meio de um discurso de aceitação da diversidade sexual que justifica a atribuição de tratamento diferenciado àqueles que não se associam à heterossexualidade. Equivale a dizer, por exemplo, que deve ser criada uma legislação específica que regulamente a união civil entre pessoas do mesmo sexo, mesmo já existindo uma que regulamente a união civil de forma geral (LOREA, 2006). Se constitui então em forma de homofobia, uma vez que inflige ao indivíduo tratamento diferenciado dos demais em função de sua orientação sexual.

1.2.3. Homofobia e religião

Permeada pela visão heterossexista está a visão religiosa, que na maioria das vezes é utilizada para justificar atitudes homofóbicas (MOTT, 2004). O amor entre duas pessoas do mesmo sexo é visto pelas religiões cristãs como algo pecaminoso, passível de punição e responsável pela ira de Deus no caso de Sodoma e Gomorra (MOTT, 1996). A crença de que a homossexualidade é um pecado condenado por Deus assume grande papel na reprodução da homofobia existente. Ações de grupos religiosos em perspectiva de cura de homossexuais, de rechaçamento desse grupo e reprodução de

discursos de desaprovação e condenamento desse grupo perpetuam o ódio aos homossexuais e mais ainda, o justifica com base em questões divinas e, portanto, inquestionáveis aos que têm fé.

Entendida como pecado, a homossexualidade é considerada uma contravenção às leis divinas. Tal visão é orientada pela perspectiva de que o sexo é tido unicamente para fins de reprodução da espécie (RIOS, 2002). Qualquer ato sexual desviante desse fim, seja heterossexual ou homossexual, indicaria um pecado e uma atitude reprovável. Depreende-se dessa visão, também, que o homossexual seria duplamente condenado. Além de sexualmente se relacionar sem o fim da reprodução esse fim por si só já é impossível, uma vez que o ato é realizado por dois homens ou duas mulheres (RIOS, 2002). Percebe-se no próprio argumento sua fragilidade. Hoje é socialmente aceito e desejável o uso de métodos contraceptivos, atitude reprovável pela Igreja Católica. O que justifica, então, se manter a aversão a homossexuais com base na religiosidade se essa base é a mesma rejeitada em favor dos direitos reprodutivos? Não há justificativa além da ignorância da sociedade.

1.3. Crimes homofóbicos

A homofobia se apresenta de diversas formas. Encontra sua expressão em olhares de desaprovação, injúrias sofridas pelos indivíduos e até mesmo violência física. Ocorre também nos mais diversos âmbitos: escolar, profissional, familiar, etc.. A respeito, Mott (2004) considera estar exatamente no âmbito familiar um dos motivos que torna os homossexuais o grupo mais discriminado. Enquanto as demais minorias sociais encontram em sua família um grupo de apoio e resistência às discriminações sofridas, os homossexuais encontram em seu arranjo familiar, muitas vezes, a primeira fonte de discriminação em razão de sua sexualidade, não obtendo o apoio de seus familiares (MOTT, 2004).

Considera-se crime homofóbico qualquer forma de agressão física, verbal ou psicológica exercida em desfavor de indivíduo em função de sua orientação sexual ou em desfavor de pessoa jurídica que atenda a interesses dessas minorias sexuais (JAQUES-JEUSS, 2004). No Brasil, a cada dois dias um representante da categoria GLBT é assassinado (MOTT, 2006).

Apenas no estado do Rio de Janeiro, em dezoito meses foram registradas cerca de 500 denúncias, sendo dessas um número alarmante (6,3%) de assassinatos contra

homossexuais (BRASIL, 2004). Por esse número é visível a intensa reprovação ainda existente por parte da sociedade em relação aos homossexuais. De acordo com Mott (2006), em Brasília 88% dos jovens entrevistados em pesquisa realizada pela Unesco consideram que humilhar gays e travestis é algo normal.

Na violência física, importa salientar que para além da reprovação parte-se para um movimento de agressão, em uma nítida tentativa de evitar o diferente e de até mesmo não permitir que ele exista e tenha seu espaço. Constitui-se uma dinâmica de negar direitos ao homossexual, como se a ele não houvesse garantias, negando assim sua constituição enquanto ser humano e cidadão (MOTT, 2004).

Cerqueira e Mott (2001), constataam que os crimes baseados na homofobia perpassam todas as classes sociais e todos os segmentos da sociedade. O Grupo Gay da Bahia, nos anos de 2000 e 2001, realizou levantamento de dados a respeito de crimes homofóbicos com base em notícias divulgadas pela mídia (MOTT, 2001). Entretanto, há uma fragilidade nos dados, uma vez que diversos crimes cometidos em razão da sexualidade da vítima são mascarados. Ao realizarem denúncias às autoridades competentes os denunciantes são revitimizados em função de sua orientação sexual (MOTT, 1996). Como meio de evitar esse processo, muitas vítimas escondem o verdadeiro caráter da violência sofrida, o que contribui para o ocultamento da homofobia.

1.4. Espaços de socialização de GLBTs

Desde que nascemos somos condicionados a viver em grupo (NASCIMENTO, 2007). Ao indivíduo não é facultada a escolha, há uma sociedade que espera que ele se insira em seus valores e conviva harmoniosamente com eles. Segundo Welzer-Lang (2001), os homens muito cedo são convidados pela sociedade a se afastarem do feminino, a desidentificar-se dele. São criados, nessa tentativa, espaços de homosociabilização, marcados pela competitividade entre homens, onde o objetivo é se identificar enquanto um, sendo um aspecto importante na construção da masculinidade do indivíduo (WELZER-LANG, 2001).

A partir do século XIV, idéias higienistas e heteronormativas despontam, condenando dessa forma os espaços de socialização homossexual (NASCIMENTO, 2007), criando a demanda por locais específicos onde esse tipo de sexualidade desviante, entre outras, pudesse ser exercida e incorporada. Surge então a necessidade

da criação de espaços destinados ao público de, Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros (GLBTs).

Em países como o Brasil, orientados por um modelo patriarcal, machista e heterossexista (NASCIMENTO, 2007), essas demandas se tornam crescentes e homossexuais passam a recorrer a centros urbanos na tentativa de localizarem espaços onde sua prática sexual seja mais tolerada e aceita. A esse respeito, Eribon (2008) argumenta que há a crença de que nos centros urbanos tolera-se a homossexualidade, o que causa uma migração de homossexuais para essas regiões.

Para Nascimento (2007), esses espaços de socialização GLBTs possuem como função permitir a livre expressão de afeto entre esse grupo, incluindo-se aí abraços, flerte, olhares, beijos, etc.. São os chamados *guetos gays*. Sobre eles, importante ressaltar os aspectos da cultura ali existente

A linguagem apresentada nos guetos, muitas vezes, remetida de forma irônica, utiliza expressões no feminino ou conotações pejorativas, ocasionando uma reprodução da desvalorização ou ridicularização sofrida por muitos sujeitos. O mesmo autor ainda sugere que esta ironia e piadas possuem a função de minimizar a opressão e o mal-estar sofrido por muitos homossexuais. (NASCIMENTO, 2007, p. 51-52).

Percebe-se, pelo trecho acima, que mesmo nos lugares destinados à socialização do grupo GLBT há a reprodução dos valores heteronormativos de nossa sociedade, talvez sob outra ótica, a de minorar a opressão sofrida, porém que de alguma forma servem para a manutenção do *status quo*. As injúrias continuam existindo nesses espaços e conseqüentemente exercendo seu papel de modelador das atitudes do indivíduo (Eribon, 2008).

A reprodução dos modelos heteronormativos se coaduna, dessa forma, a interiorização, ou internalização, da homofobia por parte dos indivíduos homossexuais. Essa interiorização diz respeito à adoção por parte do indivíduo homossexual dos valores imputados à homossexualidade pela sociedade heteronormativa, o que gera nele graves conflitos psicológicos, podendo levar ao adoecimento psíquico. A respeito

O pressuposto da homofobia interiorizada é que nenhuma dominação pode se exercer por longo tempo, se ela não for, de uma ou outra maneira, interiorizada por aqueles que ela tem como proposta estratégica de assujeitar ou de inferiorizar. Através da vergonha, o poder da heterossexualidade (a qual faz uso da homofobia para

exercer-se) se apóia sobre os sujeitos e, dessa forma, faz uma imposição e uma auto-imposição acerca dos sentimentos de ser ridículo e de ser inapropriado mediante a ordem hierárquica da sociedade heterossexista. (NASCIMENTO, 2007, p. 66)

Dessa forma, o indivíduo homossexual se vê rodeado de valores heteronormativos e heterossexistas. Nem mesmo em espaços destinados à sua socialização e a vivência de sua sexualidade lhe é permitido sentir-se, por inteiro, como indivíduo completo e normal. O constante uso de linguagem pejorativa pode ocasionar o agravamento das injúrias sofridas pelo homossexual em outros espaços, marcando-lhe ainda mais a existência.

A permanência de pressupostos heteronormativos nesses espaços de socialização GLBT demonstra o quão efetivo esses pressupostos são. Conseguem penetrar até mesmo nos espaços onde deveriam ser rechaçados. E mais, conseguem adquirir alguma aceitação e dessa forma se reproduzem, engendrando o pensamento até mesmo das minorias sexuais que deveriam combatê-los.

Conclui-se, pela abordagem teórica acima apresentada, que atualmente não há espaços livres da visão heteronormativa e heterossexista que norteiam a prática da homofobia. A criação de mecanismos de enfrentamento ao pensamento dominante assume, então, caráter de urgência, uma vez que a difusão dos pressupostos que consideram a heterossexualidade como prática sexual normal e superior as demais encontram ampla aceitação até mesmo nos grupos que são seu alvo.

Capítulo 2

Metodologia

2.1. Apresentação

O presente trabalho tem como objetivo estudar a influência da discriminação sofrida por jovens homossexuais masculinos, na faixa etária entre 18 e 26 anos, na eleição de espaços para a manifestação de sua sexualidade homossexual. A manifestação da sexualidade foi aqui entendida como a expressão de sentimentos de um indivíduo a outro do mesmo sexo, tais como abraços, beijos, andar de mãos dadas. Para tanto, o pesquisador considerou adequado utilizar método de pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa é uma forma de obtenção dos dados de forma não matemática (STRAUSS & CORBIN, 2008). É indicada nos casos em que se quer conhecer as experiências de vida do indivíduo, além de análise do comportamento, emoções, entre outros (STRAUSS & CORBIN, 2008). Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador se depara com situações inesperadas, devendo estar preparado para essas situações (GOLDENBERG, 2000). Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é em obter uma representatividade numérica do grupo pesquisado (GOLDENBERG, 2000). Sua preocupação está em compreender profundamente o grupo social estudado e suas relações (GOLDENBERG, 2000). O pesquisador utilizou-se de duas técnicas distintas, porém complementares, para a realização da pesquisa: observação participante e entrevistas.

A observação participante é um procedimento no qual o pesquisador encontra-se dentro do grupo pesquisado (GOLDENBERG, 2000; HAGUETTE, 2000). Sua utilização permite perceber detalhes que são imperceptíveis a um pesquisador que não esteja inserido no universo pesquisado (HAGUETTE, 2000). Para tanto, o pesquisador observou no período de 03 (três) meses o grupo ao qual se propôs estudar em diversos ambientes, entre eles os espaços públicos frequentados predominantemente por heterossexuais e os espaços públicos frequentados predominantemente por homossexuais, dentre os quais citam-se os shoppings, boates e parques.

Por sua vez, as entrevistas foram realizadas com dez sujeitos de pesquisa. As entrevistas realizadas seguiram o modelo de entrevistas semi-dirigidas. Nesse tipo de entrevista, a resposta do entrevistado não se encontra limitada a alternativas

apresentadas, sendo seu discurso livre (GOLDENBERG, 2000). Esse modelo apresenta uma seqüência de perguntas a serem respondidas, baseadas em uma lógica no encadeamento das questões (COMBESSIE, 2004). Os sujeitos de pesquisa foram selecionados inicialmente a partir da rede de contato do pesquisador e posteriormente por indicação de cada entrevistado. Ademais, em função da presença do pesquisador em ambientes predominantemente freqüentados por homossexuais, na fase de observação participante, foi questionado quanto à possibilidade de alguns integrantes do grupo estudado prestarem entrevistas, em caso afirmativo a entrevista foi realizada. A informação obtida pelo pesquisador nessa metodologia é fruto do diálogo entre ele e o sujeito de pesquisa, sendo possível que ambos questionem as falas e a analisem, chegando a um consenso sobre cada palavra dita (DEMO, 2001).

2.2. Procedimentos éticos

A pesquisa qualitativa tem como objetivo apreender os aspectos subjetivos da realidade dos indivíduos (GOLDENBERG, 2000). Por ser um processo investigativo e com influência na vida dos indivíduos, seus participantes devem ser esclarecidos de seus aspectos. Dessa forma, antes de dar início ao trabalho de entrevista os participantes foram devidamente esclarecidos sobre o objetivo da pesquisa, do porquê de sua realização. Foram também esclarecidos sobre o aspecto voluntário de sua participação e sobre a possibilidade da sua desistência a qualquer momento, sem qualquer implicação negativa a eles ou ao pesquisador.

O consentimento dos participantes foi realizado mediante forma escrita. Foi-lhes apresentado um termo de consentimento livre e esclarecido, no qual constavam esclarecimentos quanto ao sigilo das informações prestadas e a possibilidade de desistência e adesão voluntária à pesquisa. Ao final do termo, a assinatura do entrevistado era solicitada, sendo o termo de acesso exclusivo do pesquisador, com o objetivo de resguardar o sigilo dos entrevistados. Essa abordagem foi utilizada como forma de garantir a ambas as partes envolvidas garantias em relação ao uso das informações e ao sigilo dessas.

Como ressaltado por Goldenberg (2000), o uso de gravador e outros instrumentos de coleta de dados podem causar constrangimento ao entrevistado. Com o intuito de amenizar esse problema, os entrevistados foram informados do uso do gravador apenas como forma de garantir uma maior rapidez no processo de entrevista,

bem como de registrar sua fala para possíveis esclarecimentos. Foram informados, também, de que suas entrevistas seriam transcritas para um arquivo em computador sem qualquer menção ao nome do entrevistado ou a qualquer elemento que o pudesse identificar.

Na busca pela garantia do respeito ao indivíduo e a garantia da ética em todos os estágios da presente pesquisa, o projeto desta foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, tendo obtido aprovação. O CEP possui em sua formação profissionais de diversas áreas, o que garante a interdisciplinaridade na avaliação dos projetos e a verificação da relevância social da pesquisa. Tem como objetivo avaliar tanto os aspectos éticos quanto metodológicos dos projetos de pesquisas apresentados. A aprovação do projeto de pesquisa pelo CEP/IH garante ao pesquisador respaldo para a realização de sua pesquisa.

2.3. Trabalho de campo

O trabalho de campo foi realizado na cidade de Brasília/DF. A escolha dessa cidade se deu devido ao pesquisador residir nela e, portanto, possuir uma rede de contatos já estabelecida, bem como ter conhecimento de locais predominantemente freqüentados por heterossexuais e predominantemente freqüentado por homossexuais, bem como aqueles espaços freqüentados por ambos os públicos, sem distinção de orientação sexual.

Para a realização das entrevistas, o pesquisador entrou em contato com cada potencial participante por meio eletrônico e telefônico e, após fazer uma breve introdução da pesquisa, a ser aprofundada na ocasião da entrevista, solicitou que cada participante indicasse o horário e local mais adequado para a concessão da entrevista. Após rápida conferência da compatibilidade entre os horários do entrevistado e do pesquisador, foi marcada a entrevista.

As entrevistas foram realizadas em diversos espaços, mediante preferência do entrevistado. Essa alternativa foi adotada como forma de deixar o entrevistado mais confortável com o processo de coleta das informações, tendo a possibilidade de escolha de um local em que estivesse mais familiarizado. Dessa forma, as entrevistas se deram tanto em locais públicos, como parques e universidades, quanto em locais privados, tais como as residências dos entrevistados.

2.4. Instrumentos de pesquisa

Para realização da pesquisa, o pesquisador utilizou-se de um diário de campo, onde foram registradas as informações referentes às suas observações nos ambientes freqüentados. Esse instrumento tem por objetivo permitir ao pesquisador recordar-se dos fatos da forma como aconteceram (SORIANO, 2004). Após conferência das anotações, o pesquisador se deteve na criação de um roteiro para entrevista semi-dirigida. Esse roteiro foi elaborado a partir das percepções realizadas pelo pesquisador diante das suas anotações e com o intuito de capturar os aspectos da realidade referentes à escolha ou não do sujeito em manifestar sua sexualidade em locais públicos predominantemente freqüentados por heterossexuais e nos locais públicos freqüentados predominantemente por homossexuais.

Em um primeiro momento, esse instrumental foi utilizado com três entrevistados, como forma de verificar seus possíveis defeitos, falta de clareza e aprimorá-lo. Após esse período de pré-teste, a nova versão do roteiro foi utilizada com outros 10 (dez) participantes.

2.5. Análise dos dados

A análise de dados consiste no processo em que se separam as informações básicas do material coletado e se procede ao exame delas, de forma a adquirir indícios ou respostas às perguntas inicialmente feitas pelo pesquisador. Por meio da análise dos dados, é possível o regresso ao referencial teórico utilizado na pesquisa e a comprovação ou não das idéias apresentadas pelos diversos autores trabalhados (GOLDENBERG, 2000).

Na presente pesquisa, primeiramente o pesquisador realizou uma análise do discurso dos entrevistados. Por meio da leitura da transcrição da fala de cada um dos entrevistados, o pesquisador buscou encontrar conceitos comuns e freqüentes na fala dos entrevistados. Os conceitos referem-se à rotulação dos fenômenos, “a uma representação abstrata de um fato, de um objeto ou de uma ação/interação que um pesquisador identifica como importante nos dados” (CORBIN & STRAUSS, 2008; p. 105).

Após o processo inicial de conceituação dos dados obtidos, buscou-se agrupar os conceitos em categorias. As categorias são uma forma de maior abstração dos conceitos (CORBIN & STRAUSS, 2008). Após análise de cada conceito, busca-se encontrar características abstratas comuns a eles e agrupá-los em torno dessas características. Com essa operação, qual seja de transformar conceitos em categorias, o pesquisador busca reduzir o número de unidades com o qual trabalha (STRAUSS & CORBIN, 2008).

Por fim, após a definição das categorias centrais retiradas do discurso de cada entrevistado, observou-se a frequência com que essas categorias surgiam na fala de cada um dos participantes da pesquisa e a influência que cada uma dessas categorias exerce na opção por transitar nos meios predominantemente freqüentados por heterossexuais e nos meios predominantemente freqüentados por homossexuais, bem como a expressão da sexualidade homossexual em cada um dos ambientes citados.

Capítulo 03

Homofobia e eleição de espaços para a manifestação da homoafetividade

3.1. A discriminação em ambientes públicos e suas implicações

Estima-se que 10% da população brasileira seja homossexual (JAQUES-JEUSS, 2004). Essa porcentagem é significativa e aponta para a necessidade de se conhecer como essa população homossexual encontra-se inserida na sociedade e como interage com ela. Nesse sentido, os mecanismos pelos quais as relações sociais baseadas na diversidade sexual se realizam se tornam de importante compreensão para o entendimento das regras que são impostas aos indivíduos.

No presente trabalho, busca-se a compreensão da interação entre homossexualidade e heterossexualidade, sem contanto negar a existência de outras sexualidades e de outras relações existentes. Entretanto, um trabalho que vislumbre atingir todos os grupos sexuais possíveis demandaria maior tempo e aprofundamento.

A homossexualidade foi entendida como a atração de uma pessoa por outra do mesmo sexo. Aqui se faz necessária uma importante ressalva. Neste trabalho não foram analisadas as relações que envolvem o travestismo ou transexualismo, pois essas são categorias que envolvem muito mais do que atração por uma pessoa do mesmo sexo. Envolvem também a aquisição de características físicas e culturais referentes a pessoas de outro sexo (RIOS, 2001).

Para efeito dessa pesquisa, foram entrevistados 10 (dez) jovens de faixa etária compreendida entre 18 e 26 anos e do sexo masculino. A escolha quanto ao sexo dos entrevistados se justifica diante do fato que, segundo estudo realizado por Scardua e Filho (2006), homossexuais masculinos possuem uma maior preocupação com as implicações da vivência da homossexualidade na vida pública e suas relações. Scardua e Filho (2006) concluíram que as homossexuais mulheres se preocupam mais com a influência da homossexualidade em sua vida familiar do que pública, ficando este último tipo de preocupação predominantemente com os homossexuais masculinos. O estudo ainda aponta para a preocupação dos homossexuais masculinos em denunciar questões de humilhação e constrangimento público.

As entrevistas possibilitaram a averiguação de quatro situações distintas: a manifestação da sexualidade homossexual em locais freqüentados por um público

heterossexual, a manifestação da sexualidade homossexual em locais freqüentados por um público homossexual, os motivos para diferentes manifestações da sexualidade em cada ambiente e os diferentes tipos de discriminação já sofridas pelo grupo selecionado.

3.2. Comportamento em ambientes freqüentados por heterossexuais

De acordo com as entrevistas realizadas, o comportamento dos homossexuais masculinos em ambientes freqüentados por heterossexuais podem ser divididos em dois grupos: 1) não há manifestação da sexualidade homossexual; 2) há uma manifestação moderada da sexualidade homossexual. A manifestação da sexualidade homossexual, para efeito dessa pesquisa, é aqui entendida como demonstração explícita de afetos pelos demais parceiros homossexuais. Ou seja, demonstração por meio de abraços, beijos, carícias, mãos dadas e olhares.

Dos entrevistados, 60% afirmaram que buscam não manifestar nenhuma prática que o identifique como homossexual em ambientes heterossexuais. Essa camuflagem do comportamento tem como objetivo, segundo os entrevistados, evitar qualquer identificação do sujeito ao grupo dos homossexuais, afastando qualquer possibilidade de ato discriminatório que possa vir a ocorrer. Em alguns casos, foi mencionado que há a clara tentativa de representar a ordem moral vigente, realizando práticas associadas, comumente, aos heterossexuais. Tal ação só é possível uma vez que se compreende que a homossexualidade não é revelada por características externas e fisicamente identificáveis, sendo passível de ser mascarada em determinados ambientes (RIOS, 2001).

Outros 40% afirmaram que manifestam sua sexualidade homossexual em ambientes heterossexuais, porém de forma moderada no que tange às práticas da sexualidade. A manifestação, nesses casos, encontra-se restrita a abraços e a carícias disfarçadas, realizadas por debaixo das mesas de bares, restaurantes, etc.. Mesmo nesses casos, as demonstrações se limitam de tal forma que não são indicadores confiáveis em relação à homossexualidade do sujeito. No máximo sugerem uma suspeita quanto à sexualidade, porém não servem como parâmetro confirmador dessa.

A esse respeito, Eribon (2008) esclarece que os homossexuais percebem nos ambientes os limites possíveis às suas práticas de afetividade, dessa forma limitando-os quando preciso. Busca-se, dessa forma, um aceitação social ao mesmo tempo em que uma vivência da sexualidade. Esse fenômeno é também perceptível em novelas, filmes,

etc.. O homossexual quando apresentado assume comportamentos que não lhe permitem identificá-lo como tal. Quando demonstra sua afetividade para um parceiro é de forma sutil, por meio de olhares ou sorrisos rápidos.

3.3. Comportamento em ambientes freqüentados por homossexuais

Quase que como unanimidade, o comportamento apresentado por homossexuais em ambientes destinados ao público GLBT foi considerado como livre das barreiras apresentadas nos ambientes considerados heterossexuais. Dos entrevistados, 80% disseram não restringir a manifestação da sua sexualidade de nenhuma forma nesses ambientes, demonstrando seus afetos para pessoas do mesmo sexo, agindo de forma mais livre e sem contenção de suas vontades. Foi ressaltado por esse grupo, que a aceitação que se tem nesses ambientes é o maior o fato que os leva a freqüentar tais locais, por lá se sentirem confortáveis com sua sexualidade e expressões. A sensação de pertencimento e de não discriminação de qualquer forma de expressão foi apresentada como principal motivo para uma manifestação total da sexualidade nos ambientes GLBTs.

Entretanto, 20% afirmaram que mesmo nesses ambientes não manifestam totalmente sua sexualidade, repreendendo práticas que demonstrem explicitamente sua afetividade para com seus parceiros. Nesses lugares, tais indivíduos continuam a não exercer práticas possibilitadoras de sua identificação como homossexual, ou seja, não manifestam seu afeto para parceiros do mesmo sexo a não ser de formas sutis. Como causa de tal comportamento, foi apontada a própria preferência dos entrevistados em manter uma postura mais discreta nos citados ambientes e não alguma repressão proveniente do próprio local e de seus freqüentadores.

Percebe-se que para alguns homossexuais qualquer identificação com os demais homossexuais assume um caráter preocupante. Mesmo em espaços privilegiados para as praticas dessa sexualidade há a tentativa de não se associar aos demais por meio de demonstrações de afetividade. Há uma dissimulação de si mesmo na busca de fugir das injurias possíveis (ERIBON, 2008), conceito a ser abordado adiante.

3.4. As diferentes faces da homofobia

Do total de entrevistados, 60% já sofreu algum tipo de discriminação em função de sua homossexualidade e outros 40% alegam nunca terem sofrido nenhum tipo de discriminação. Os tipos de discriminações citadas variaram e apareceram como fatores que influenciaram, positiva ou negativamente, as atitudes dos entrevistados em cada tipo de ambiente freqüentado.

O fato de 40% dos entrevistados afirmarem não terem sido alvo de qualquer tipo de discriminação pode indicar uma abertura social à diversidade sexual. Uma sociedade mais tolerante e que consegue conviver amistosamente com as diferenças. Entretanto, diante dos dados apresentados pela maioria dos entrevistados e também por outros autores (MOTT, 2001; JAQUES-JEUSS, 2004; ERIBON, 2008) torna-se mais crível de que a afirmação de jamais ter sofrido discriminação em razão da orientação sexual é na verdade a falta da percepção da discriminação. Ademais, a discriminação se manifesta também de diversas maneiras, adquirindo muitas vezes expressões sutis e de difícil detecção (BORRILLO, 2001).

Em todo caso, é importante ressaltar que essas discriminações foram decorrentes da reprovação da homossexualidade do indivíduo, orientada pela compreensão de que o mundo é constituído exclusivamente por heterossexuais e que os desviantes desse padrão são anormais e reprováveis pelos demais. Ou seja, todas são expressões da homofobia existente em nossa sociedade, guiada pelo modelo heterossexista vigente.

O tipo de discriminação mais mencionada pelos sujeitos da pesquisa se relaciona à discriminação verbal, ou seja, aquela efetuada por meio de xingamentos, falas pejorativas, etc.. 60% dos entrevistados disseram já ter sofrido algum tipo de agressão verbal em função da sua homossexualidade em espaços tanto públicos quanto privados.

A respeito

A recorrência a linguagem pejorativa é comum nas violências contra homossexuais. É importante destacar a linguagem porque por ela se apresenta visões do mundo, representações e também a nomeação do outro por formas negativas ou contrárias à sua vontade, com o intuito de humilhar, discriminar, ofender, ignorar, isolar, tiranizar e ameaçar. (ABRAMOVAI; CASTRO; SILVA, 2004, p. 286)

Nesse sentido, Eribon (2008) fundamenta o conceito de injúria, entendida como palavras verbais que marcam a consciência do indivíduo e o resumem a determinado

aspecto de sua personalidade. Para o autor, a injúria possui a capacidade de inscrever nos corpos e na mente do indivíduo suas conseqüências, uma vez que a timidez e o constrangimento são resultados das agressões verbais sofridas pelo indivíduo no decorrer de sua trajetória de vida.

Possui a injúria a capacidade de dizer ao sujeito vítima dela quem ele é e como deve ser (ERIBON, 2008). Assim, ao ser chamado de “veado”, o homossexual masculino se vê com um futuro já determinado e com um padrão de atitudes, provenientes dos esteriótipos, que deve seguir. Sua visão de si mesmo é moldada, então, por meio das injúrias sofridas. afrontas que o levam a concluir que ele é diferente dos outros, um anormal (ERIBON, 2008) e que o levam a uma imagem negativa de si mesmo (BORRILLO, 2001). A esse respeito

A injúria é um enunciado performativo: ela tem por função produzir efeitos e principalmente instituir, ou perpetuar, o corte entre os “normais” e aqueles que Goffman chama de “estigmatizados”, fazendo esse corte entrar na cabeça dos indivíduos. A injúria me diz o que sou na medida em que me faz ser o que sou. (ERIBON, 2008, p. 29)

Em decorrência da injúria, os homossexuais hoje negociam a todo momento com o mundo as demonstrações de afetos uns com os outros, desenvolvendo, desse modo, “a capacidade de perceber o perigo ou aprendendo a controlar muito estritamente os gestos e as falas”. (ERIBON, 2008, p. 30)

Outro tipo de discriminação apresentada diz respeito aos olhares de reprovação expressados pela sociedade de forma geral. Tais olhares costumam ser seguidos de alguns comentários, guardando, dessa forma, estrita relação com a injúria a ser sofrida. Esses olhares já delimitam os comportamentos aceitáveis ou não em cada espaço, aparecendo em 40% das falas. Nesse sentido, é expressiva a fala de um dos entrevistados ao afirmar que

quando estou mais em bares, boates, ou similares, ao qual o maior público são heterossexuais, primeiramente já olham, a mim e aos meus amigos, de forma diferente, mais ou menos com um aviso no rosto "Cuidado! Aqui não pode!". Às vezes fica esta primeira restrição no olhar e, em outras vezes, tornam-se mais ofensivas como piadinhas e alguns xingamentos. (Entrevistado homossexual ao se referir aos tipos de discriminação sofrida em ambientes heterossexuais).

Na fala de 20% dos entrevistados a manifestação da sexualidade homossexual apareceu como desrespeitosa aos ambientes heterossexuais. Foi ressaltado por esses

entrevistados que a opção por não manifestar sua sexualidade é decorrente da visão de que se tal comportamento não é desejável em determinado espaço a melhor alternativa é evitar esse comportamento. Nessa perspectiva, o que se percebe é a integração de conteúdos referentes a heteronormatividade pelo grupo dos próprios homossexuais, adotando-se o discurso dominante. Para Borrillo (2001), o que se percebe é um discurso homofóbico mascarado por meio do discurso de respeito às diferenças (BORRILLO, 2001). Rompe-se a visão de igualdade para dar espaço a uma visão de diferença homossexual (BORRILLO, 2001), destinando-se a esse grupo espaços específicos para a manifestação de sua sexualidade que não os mesmos destinados aos seguidores da norma heterossexual vigente.

Embora haja a percepção por parte desses entrevistados de que, em um ambiente destinado ao público homossexual, demonstrações de afeto entre heterossexuais não são consideradas desrespeitosas e, por isso, são aceitáveis, não há a mesma visão por parte dos próprios homossexuais em relação aos seus comportamentos nos ambientes públicos de forma geral. A prática da homossexualidade assume um caráter negativo e por meio desse fenômeno percebe-se que há uma internalização da homofobia por parte do homossexual. Ele percebe sua sexualidade como portadora de algumas desconformidades com a norma e por isso mesmo passível de repreensão justificada. Borrillo (2001) assinala que essa internalização pode causar ao indivíduo homossexual prejuízos psicológicos, uma vez que ele se encontra em conflito entre o que ele é e o que deveria ser.

O respeito aos familiares também emergiu da fala de 20% dos entrevistados. Para eles, o controle de certas manifestações da sexualidade tem o objetivo de evitar expor os familiares a algum constrangimento decorrente da sexualidade do sujeito. Depreende-se dessas falas que mesmo quando há aceitação por parte dos familiares há a necessidade de limitar a expressão da sexualidade. Essa constatação encontra respaldo no pensamento de Mott (2001), que afirma que muitos homossexuais são vítimas de discriminação principalmente dentro de casa, não encontrando em seu lar um grupo de apoio que o ajude a seguir em frente diante dos diversos atos discriminatórios aos quais são expostos no dia-a-dia. Essa percepção leva o autor a concluir que dentre as minorias os homossexuais são os que mais sofrem com a discriminação.

Na fala de dois entrevistados, houve denúncia de assédio sexual aos homossexuais.

Já houve professores que assediavam todos os alunos tidos com gays da escola onde eu estudava o ensino fundamental e muito das atitudes dele comigo me incomodavam, pois ele chegava a mim de forma a querer fazer algo, tipo, sexo. Muito me senti desrespeitado, pois só vinham a nós, alunos tidos como gays, para falar de sexo, com o objetivo de fazer sexo. Lembro-me que um dos meus colegas gays chegou a ir para o motel com um dos professores que investiam nos alunos "gays" em troca de passar na disciplina dele. (Entrevistado homossexual ao se referir a assédio sexual sofrido na escola).

Em outro caso, o assédio também apareceu como praticado por um professor, dessa vez de um curso particular de Inglês ao qual um dos entrevistados freqüentava. Segundo o entrevistado, o professor acariciava suas pernas por debaixo da mesa ao lhe explicar os exercícios e por vezes teria realizado convites ao aluno para ambos saírem em passeio após a aula.

Esses relatos revelam alguns aspectos importantes e de necessária consideração. Em primeiro lugar, mostra-se o despreparo e incorporação do pensamento vigente por parte de alguns profissionais da educação. Estampa-se nos relatos acima o jogo de poder existente nas relações de discriminação. Em um caso, o educador, detentor de poder, submete o aluno à sua vontade, sob o argumento de que a continuidade ou não da vida escolar do educando está submetida ao favorecimento dos desejos de seu educador. Em outro, o educador não apresenta nenhuma resistência em assediar o aluno mais de uma vez, dada a tênue idade do aluno que se vê incapacitado de tomar qualquer providência diante da investida, seja por vergonha, culpa ou despreparo diante da situação.

Relatos de outros entrevistados também ressaltam a escola como sendo o primeiro espaço de discriminação por eles sofrida. Piadinhas por parte dos colegas de classe surgem como a principal forma de discriminação sofrida pelos entrevistados no período escolar. O que demonstra que a homofobia é de tal forma incorporada a nossa sociedade que logo cedo, nas crianças, podemos encontrar suas manifestações, geralmente por meio das injúrias.

Ao educador cabe o papel de orientar os alunos quanto à impropriedade dessas práticas preconceituosas. Entretanto, atuar na contramão do pensamento dominante se torna motivo de estigmatização do próprio educador, que ao interagir e aceitar a diversidade é colocado como integrante dela, ou seja, como também diferente e passível de discriminação (ABRAMOVAI; CASTRO; SILVA, 2004). Esse é um desafio que se coloca à educação.

Durante a pesquisa, não foram registrados, entre os entrevistados nenhum caso de agressão física em razão de sua homossexualidade, porém houve registro de ameaça a integridade física do sujeito. Entretanto, apesar de não haver relato de agressão entre os entrevistados, o medo de sofrer violência física representa a preocupação de 40% dos sujeitos da pesquisa. Tal preocupação encontra fundamento nos dados apresentados por Mott & Cerqueira (2001), em que por meio de pesquisa realizada foram constatados no Distrito Federal 04 (quatro) casos de assassinatos de homossexuais e em todo Brasil 130 (cento e trinta) casos no ano de 2000.

Ainda sobre a violência física em espaços públicos

Os agressores sentem-se incentivados a praticar discriminação homofóbica principalmente nos espaços públicos, onde há apoio de grupos a suas práticas ou onde as vítimas se expõem às práticas homofóbicas, e nas residências, em que o poder do agressor sobre a vítima, quase sempre seu próprio filho ou filha, aumenta de forma considerável, submetendo o homossexual ou o transgênero à violência em função de sua orientação sexual. (JAQUES-JEUSS, 2004, p. 91)

Essa constatação de Jaques-Jeuss explica a angústia sofrida pelos homossexuais. De fato, em uma sociedade onde a homossexualidade e toda e qualquer forma de sexualidade alternativa a heterossexualidade são tidas como problemáticas e indesejáveis, é compreensível que atitudes violentas contra esses grupos sejam socialmente estimuladas. Afinal, trata-se de uma condenação dos anormais, dos diferentes e daqueles que cometem o maior dos pecados (MOTT, 2004).

3.5. O desejo de pertencer ao grupo

A necessidade de se sentir pertencente ao grupo social em que se está inserido, bem como de ser aceito por esse grupo, surgiu na fala de 60% dos entrevistados. Eles argumentaram que o incômodo gerado em ambientes heterossexuais se dá principalmente em relação à reprovação dos freqüentadores desses ambientes e ao sentimento de não pertencer àquele grupo. Esse não-pertencimento leva os entrevistados a assumirem posturas pertencentes ao grupo dos heterossexuais e assim se assemelhar a eles.

Eribon (2008) afirma que esse desejo de pertencimento, e conseqüente fuga das injúrias, é perceptível em homossexuais que se refugiam em cidades de grande porte,

buscando uma maior aceitação de sua sexualidade. Por parte dos homossexuais, há a crença de que em cidades de grande porte há maior tolerância à diversidade sexual. Importante ressaltar que, embora perceba-se uma diminuição da homofobia nesses locais, ela ainda é existente, denotando que ainda há muito o que ser feito (MOTT, 2004).

Nos ambientes destinados ao público GLBT, foi ressaltado que não há exclusão social por parte da sua sexualidade. Seria um espaço democrático para a manifestação das sexualidades, sendo posto que a liberdade para o comportamento se estende aos heterossexuais que freqüentam esses espaços. Os entrevistados relataram que nesses ambientes se sentem livres para manifestar sua sexualidade, sem que haja recriminação por parte dos demais. Há, nesses espaços, a formação de uma identidade de grupo, onde todos se aceitam.

A formação de uma identidade de grupo atua de forma benéfica em relação ao homossexual. Ao se perceber dentro de um grupo e pertencente a ele, ao homossexual é possibilitado um fortalecimento de si enquanto indivíduo e nova atitude perante a sociedade e as discriminações impostas (DANIEL, BAUDRY; 1977). Em consequência do sentimento de exclusão proporcionado pelos ambientes heterossexuais e pela aceitação nos ambientes GLBTs, foi ressaltado por 30% dos entrevistados que após os episódios de discriminação por eles sofridos passaram a buscar freqüentar lugares destinados aos GLBTs e andar em companhia de pessoas do mesmo grupo, protegendo-se assim de possíveis agressões a sua integridade física.

Em apenas um relato foi noticiado que a discriminação se constituiu como fator para a auto-afirmação do sujeito enquanto homossexual. Nesse caso, o sujeito após episódios em que foi discriminado, passou a se aceitar melhor como homossexual e buscou a garantia de seus direitos. O discurso dos entrevistados denota que a eleição dos espaços públicos nos quais sua sexualidade será manifestada decorre das potenciais discriminações que sua atitude ocasionará. A negociação de manifestações da sexualidade emerge nesse contexto. Em espaços onde a homossexualidade não parece ser socialmente aceita, as atitudes dos entrevistados tende a ser quase nula, limitando-se a expressões sutis de afeto para com pessoas do mesmo sexo.

A negação de qualquer identificação como homossexual, verificada nos discursos de alguns entrevistados, possui como objetivo proteger o indivíduo de agressões possíveis (ERIBON, 2008). É interessante perceber que esse medo não necessariamente se baseia em experiência passada vivenciada pelo próprio indivíduo.

Ao contrário, está instaurada na crença já existente de que seu comportamento é reprovável, se não por ele pelo restante da sociedade.

Fica claro que, por meio da homofobia, a sociedade pactua com a manutenção do *status quo*, da norma heterossexual, seja na forma de olhares de reprovação, de insultos verbais, de agressão física ou assédio sexual, os espaços relegados ao público GLBT. Conforme Borrillo (2001), gestos de carinho entre homossexuais são amplamente reprovados por meio do olhar ou agressão física, enquanto que esses mesmos gestos são estimulados aos heterossexuais. Essas técnicas de discriminação apresentam resultados, uma vez que na fala dos entrevistados há unanimidade que há retração do comportamento homossexual nos espaços públicos freqüentados por heterossexuais. Se não total essa repressão é no mínimo parcial.

As estratégias de discriminação são de difícil combate, uma vez que não possuem fácil comprovação. A comprovação ou não de atitudes homofóbicas é delicada e envolve em grande parte das vezes apenas o relato verbal das pessoas, não havendo indício material, como um hematoma, que sirva como prova material do fato. De acordo com Souza (1997), a reprovação social da homossexualidade assume grande peso para alguns indivíduos, os fazendo adotar uma política de silêncio que mantém esse grupo sem nenhuma garantia ou legitimação.

Ainda como empecilho ao pleno enfrentamento a homofobia, a visão heteronormativa, ou seja, a visão que considera a heterossexualidade como única sexualidade possível e aceitável orienta muitos profissionais e aparece, dessa forma, como elemento obstaculizando a plena promoção da cidadania homossexual. Mott (2001), aponta que por vezes vítimas de atos discriminatórios não buscam seus direitos, pois ao relatarem o ocorrido às autoridades competentes são novamente discriminados por sua condição homossexual.

Considerações finais

Vivemos em uma sociedade heteronormativa e heterossexista. Uma sociedade em que a heterossexualidade é valorizada como única sexualidade possível, normal e aceitável. A qualquer outra sexualidade apenas duas possibilidades são apresentadas: 1) o silenciamento diante delas; 2) a discriminação de seus sujeitos.

Aos homossexuais, é facultado assumir sua sexualidade e encarar as conseqüências advindas desse processo ou se manter “no armário”, dessa forma se resguardando de qualquer forma de agressão. Agressões essas que desfrutam de uma infinidade de formas, e objetivos, mas que tem apenas uma causa: a homofobia.

Por meio dessa pesquisa, foi revelado que apesar de alguns homossexuais jamais terem sido alvo de qualquer violência física em razão da sua sexualidade, a possibilidade dessa forma de agressão é considerada por todos. Outros tipos de violência também são impostos aos homossexuais.

Conforme ressalta Eribon (2008), as injúrias sofridas por grande parte dos homossexuais lhe marcam a história de vida e moldam sua personalidade. Em um mundo de injúrias, a pressão psicológica a que o indivíduo homossexual é submetido diariamente exerce seus efeitos de forma cruel e reguladora, mostrando ao indivíduo quem ele é e também o inferiorizando.

Como fenômeno complexo e multifacetado (BORRILLO, 2001), deve-se compreender que a homofobia assume formas mais sutis e que empregam estratégias variadas, como o silêncio e a manutenção da homossexualidade, e de tantas outras sexualidades, como assunto tabu. O não falar sobre por si só já é caracterizado como homofobia, uma vez que empresta tratamento diferenciado a uma das expressões da diversidade sexual.

Como mostrado pela pesquisa, homossexuais masculinos limitam seus comportamentos e atitudes de acordo com os locais em que estão situados, buscando, em alguns casos, espaços de socialização diferenciados, onde possam manifestar livremente sua orientação homossexual. Tal atitude se constitui como óbice a plena efetivação da cidadania homossexual, uma vez que a ele não são dados os mesmo direitos que aos demais cidadãos e, quando o são, de forma diferenciada.

Dessa forma, ações que visem a modificação desse status atribuído à heterossexualidade e às demais expressões da diversidade sexual são imperativos. Em

uma sociedade que se orgulha de a cada dia dar um novo passo em superação aos preconceitos, manter esse é algo impensável. Romper com o silêncio é necessário.

O Serviço Social possui, como um de seus princípios fundamentais, a necessidade da defesa dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo. A profissão se compromete, também, com a eliminação de qualquer forma de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças (CFESS, 1993).

No exercício de sua profissão, deve o assistente social lutar pela garantia da plena cidadania dos usuários de seu serviço (CFESS, 1993), mostrando-lhes seus direitos e lutando pela garantia desses. Romper com as barreiras do preconceito é uma das atribuições do profissional de Serviço Social.

Cabe ao assistente social orientar os cidadãos quanto aos seus direitos e deveres. Deve desconstruir os pensamentos heteronormativos e promover o respeito e aceitação à diversidade sexual nas duas expressões, garantindo assim uma sociedade mais igualitária.

Na mediação de conflitos, o assistente social deve buscar a resolução dos problemas enfrentados pelos homossexuais, auxiliando-os na recuperação de vínculo com os familiares, em causas que envolvam discriminação em espaços públicos ou espaços privados de circulação pública. Cabe, também, ao assistente social promover programas de conscientização e respeito à diversidade sexual, bem como na elaboração de políticas públicas que visem suprir as demandas impostas por esse grupo.

Para além da atuação do Assistente Social de forma isolada, o programa do governo Brasil sem Homofobia também apresenta sua relevância, uma vez que desenvolve ações no âmbito educacional e de políticas públicas. A criminalização da homofobia, proposta pelo PLC 122/06, também é outra alternativa que apresenta-se de fundamental importância.

Romper com valores morais desatualizados é o desafio. Nesse sentido, conclui-se que ações combinadas de criminalização da homofobia, como a proposta pelo PLC 122/06, e ações educativas, como as apresentadas pelo programa Brasil sem Homofobia, são atitudes positivas, que em conjunto tem potencial para modificar uma sociedade marcada pelo ódio e repulsa aos homossexuais. Aliado as essas estratégias governamentais está o Assistente Social, que deve sempre primar pela garantia dos direitos de seus usuários e pela promoção de uma sociedade justa.

Garantir aos homossexuais a sua plena cidadania é não só um dever do Estado como de todos os cidadãos brasileiros, que devem lutar pelo fim de quaisquer tipos de discriminação, seja por sexo, raça, etnia, gênero, classe social, orientação sexual ou identidade de gênero e quaisquer outras formas que possam vir a surgir.

Referências bibliográficas

ARONSON, Elliot. **O animal social: introdução ao estudo do comportamento humano**. Tradução de Noé Gertel. São Paulo: IBRASA, 1979.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidades**. Brasília: UNESCO, 2004.

CFESS, 1993. Código de Ética do Assistente Social. In: BONETTI, Dilséa A. *et. al* (org.). **Serviço Social e Ética: convite a uma nova práxis**. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 2005).

CFESS, Resolução nº 489/2006. Disponível em www.cfess.org.br Acessado em 18 de novembro de 2008.

BACILA, Carlos Roberto. **Estigmas: um estudo sobre preconceito**. Rio de Janeiro: Lúmen júris, 2005.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**. Bellaterra: La Biblioteca del Ciudadano, 2001.

BRASIL, Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil sem Homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL, PL 5.003 – B de 2001. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/429491.pdf> Acessado em 10 de novembro de 2008.

COMBESSIE, Jean-Claude. **O Método em Sociologia: o que é, como se faz?** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

DANIEL, Marc; BAUDRY, André. **Os homossexuais**. Tradução de J. Dart. Rio de Janeiro: Editora Artenova S.A., 1977.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. 2ª edição. Campinas: Papyrus, 2001.

DIDER, Eribon. **Reflexões sobre a questão gay**. Tradução de Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Editora Companhia de Freud, 2008.

DINIZ, Debora; LIONÇO, Tatiana. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. No prelo. **Psicologia e Política**.

FONTES, Malu. Ilustrações do silêncio e da negação: a ausência de imagens de diversidade sexual em livros didáticos. No prelo. **Psicologia e Política**.

HART, John; RICHARDSON, Diane. **Teoria e prática da homossexualidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1983.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 7ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

JAQUES-JEUSS. **Homofobia**: como se faz, como se combate seguido de violência e assassinato de homossexuais e transgêneros no Distrito Federal e entorno. Brasília: Dante Editora, 2004.

LOREA, Roberto Arriada. Acesso ao casamento no Brasil: uma questão de cidadania sexual. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 2, set. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 12 de novembro de 2008.

MIRANDA, Nilmário. In: **Direitos humanos e cidadania homossexual**. Brasília: Comissão dos Direitos Humanos, 2000.

MOTT, Luiz. Os homossexuais: as vítimas principais da violência. In: VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos (org). **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Editora FGV, 1996.

MOTT, Luiz. **Violação dos Direitos Humanos e assassinato de homossexuais no Brasil**. Bahia: Editora Grupo Gay da Bahia, 2000.

MOTT, Luiz; CERQUEIRA, MARCELO. **Causa Mortis: homofobia**. Bahia: Editora Grupo Gay da Bahia, 2001.

MOTT, Luiz. Direitos humanos e cidadania homossexual no Brasil: por que os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias?. In: JUNIOR, José Geraldo de Sousa *et al.* **Educando para os Direitos Humanos: pautas pedagógicas para a cidadania na universidade**. Porto Alegre: Síntese, 2004.

MOTT, Luis. Homo-afetividade e direitos humanos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 2, set. 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 de novembro de 2008.

NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do. **Homossexualidade e homosociabilidades: hierarquização e relações de poder entre homossexuais masculinos que freqüentam dispositivos de socialização de sexualidades LGBTTT**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.

RIOS, Roger Raupp. **O Princípio da Igualdade e a Discriminação por Orientação Sexual: A Homossexualidade no Direito Brasileiro e Norte-americano**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2002.

RIOS, Roger Raupp. Para um direito democrático da sexualidade. **Horizontes antropológicos** , Porto Alegre, v. 12, n. 26, dez. 2006 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832006000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2008.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. **Psicologia Social**. 18ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SCARDUA, Anderson; SOUZA FILHO, Edson Alves de. O debate sobre a homossexualidade mediado por representações sociais: perspectivas homossexuais e heterossexuais. **Psicologia Reflexão Crítica**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000300017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 de dezembro de 2007.

SORIANO, Raúl Rojas. **Manual de pesquisa social**. Petrópolis. Vozes, 2004.

STRAUSS, A; CORBIN, J. Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Tradução Luciane de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TREVISAN, João Silvério. O espetáculo do desejo: homossexualidade e crise do masculino. In: CALDAS, Dario (org.). **Homens**. São Paulo: Editora SENAC, 1997l.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas** , Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 20 de junho 2008.

Anexos

Anexo 01

Universidade de Brasília (UnB)
Instituto de Ciências Humanas (IH)
Departamento de Serviço Social (SER)
Trabalho de Conclusão de Curso

Roteiro de perguntas para entrevista

- 1) Quantos anos você tem?
- 2) Que tipos de ambiente frequenta?
- 3) Qual a manifestação da sua sexualidade homossexual em locais frequentados principalmente por heterossexuais?
- 4) Qual a manifestação da sua sexualidade homossexual em locais frequentados principalmente por homossexuais?
- 5) Se houver, por que a diferença de comportamento em cada um dos ambientes?
- 6) Você já foi alvo de discriminação em razão da sua sexualidade homossexual?
- 7) Se sim, que tipo de discriminação? O que acarretou em seu comportamento?
- 8) Você possui conhecimento de alguém que tenha sido discriminado por conta de sua homossexualidade? Se sim, que tipo de discriminação e o que acarretou no comportamento dessa pessoa?

Anexo 02

Universidade de Brasília (UnB)
Instituto de Ciências Humanas (IH)
Departamento de Serviço Social (SER)
Trabalho de Conclusão de Curso

Termo de consentimento livre e esclarecido

Eu, _____, autorizo o uso das informações por mim fornecidas durante a entrevista para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso do aluno Daniel Berquó Gomes, estudante do curso de Serviço Social da Universidade de Brasília. Declaro estar ciente de que as informações por mim prestadas não serão utilizadas de forma direta, fazendo referência ao meu nome ou de qualquer outra forma que possibilite a identificação da informação à minha pessoa. Declaro, também, ter ciência da possibilidade de desistir de minha participação na pesquisa a qualquer momento, inclusive durante a entrevista, sem que haja prejuízo a qualquer uma das partes envolvidas.

Brasília, ____ de _____ de 2008.

Assinatura